



O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurantes, Cafés, Bars e Classes Conjeneres

ANO II — N. 39

Publica-se aos sábados

Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1918

REDAÇÃO

RUA DO SENADO, 215-217
Telefone — Central 1499

Paz entre nós, guerra aos senhores!

EM GRÉVE!...

Os sucessos de Niterói AINDA A CANTAREIRA

NESTA CAPITAL

Amigos nossos prezos

NOTAS DIVERSAS

(OS HORIZONTES TURVAM-SE...)

Em Niterói

E o grito estridente e vigoroso partiu vibrante compacto de indignação e d'humana vingança: — Morra a policia!

Vozes empolgadas, desfeitas em ancias de desforra pura, suspensas num fremito de odio contido, desse odio santo que inunda bemfazejo os corações das raças oprimidas, e de todos os que sabem ser nossos amigos; vozes pujantes de comoção, sublimes de revolta, repetiram: — Morra a policia!

Cerrou-se o tiroteio. O povo, secundado por praças do 58.º de Caçadores, reagiu. Esgotadas as munições os «cossacos», em fuga desordenada, perseguidos pela massa popular e por soldados do 58.º, conseguiram chegar ao Quartel Central, de onde, em socorro dos cobardes cossacos das autoridades fluminenses, mandatarias da provocação, vieram mais e mais cossacos, redobrando, então, de intensidade, o tiroteio, que se manteve renhido, uma hora quasi.

Houve varios mortos, e muitos feridos, de parte a parte.

Num dos arrabaldes o reforço que montava guarda a uma fabrica em greve, atacado por soldados do 58.º, (impedidos de ir a cidade, auxiliar seus colegas), refugiou-se no interior da fabrica.

O posto policial do distrito foi fechado.

Esse batalhão do exercito, por determinação superior, vai ser transferido (-)

Satisfeitos nas suas ezijencias, os empregados da secção de carris da Cantareira, recusaram-se a voltar ao serviço, enquanto seus companheiros maritimos, iniciadores do animador e sintomatico movimento, não forem tambem atendidos.

Belo! Grandiozo! Comovedor, o gesto altivo da multidão que,

sabendo estar um maquinista trabalhando de carabina ao ouvido, numa das barcas em tranzito, conseguiu liberta-lo das garras ferinas dos representantes da Lei! sob aclamações entuziasticas, quando a barca atracava na ponte central.

Belo! Grandiozo! Promissor!

Certo fiscal de bondes que dirijia um destes foi arrancado pelo povo da respectiva plataforma, depois de ter apontado seu revolver á multidão, que recrudeceu de furor.

Fiscais e inspetores dezistiram de substituir os grevistas, tendo trabalhado poucas horas.

O pessoal dos guichês (cobradores de passajens da estação daqui e na e lá), fez cauza comum com o pessoal maritimo, sendo substituido por inspetores dos bondes e outros cretinos.

As barcas trafegam manobradas porjente da Marinha de Guerra, que, por falta de treno ou por qualquer outro motivo, teem «pintado o sete» com os indecentissimos e inesteticos calhambéques, da poderosa companhia ingleza (Leopoldina Railwai), cujos empregados são nacionais na sua quasi totalidade. Amargas ironias dessa mixordia universal (Russia á parte) que é o patriotismo!

O comercio, temendo o saque, tem-se conservado fechado, «manifestando-se,» porem, «solidario» com os grevistas.

Upa!...

A cidade está sendo policiada por soldados do 7.º do exercito, bem armados, bem municidados... para «inglez vê...» (-)

Constou que astuciozos politicos tentaram tirar proveito da

sujestiva agitação, mas... Percebem? Deixaram-nos a latir!

Todos os esforços empregados pelo Centro do Comercio e altas autoridades fluminenses, para solucionar o conflito, teem sido infratiferos.

Está claro! Si a Cantareira é tão burguezissima como as burguezissimas autoridades! A não ser que vencesse a burla. Mas os tempos de hoje... não são os de hontem.

Diversas fabricas fecharam. Algumas estão em greve.

E até a hora em que escravemos a parede vai no mesmo pé... e Niterói voltou á calma,—calma aparente no dizer de certos orgams da imprensa morruda e asafardanada... que «num soberbo impulso de honestidade bateu palmas tambem á greve... pacifica...» incentivando como incentiva em todas as suas edições, o franco espirito de rebeldia, que já empolga a serio—felizmente! —a massa anonima desta terra abençoada, em que o mal-estar é uma utopia e a Liberdade uma deuzá côr de roza!...

Aqui

Continúa sem solução a greve dos trabalhadores em trapiches e café. Firmes no seu proposito, aqueles companheiros contam com a vitoria sobre seus verdugos que chegaram já a maquinar truques, de parceria com a policia, sem que, no entanto, houvessem sido satisfeitos em mais essa vingança mesquinha, muito propria de patifes.

Ocoheiros que se recusaram a conduzir café que não fosse carregado por companheiros da Resistencia, foram despedidos, o que deu em resultado seus colegas se declararem em greve, em sinal de protesto.

Elevado numero de operários das oficinas do hipocrita contista Trajano de Medeiros, que se haviam declarado em greve, retiraram as respectivas ferramentas.

Outros, em numero reduzido, voltaram ao trabalho.

Os tecelões venceram as grèves da fabrica de Petropolis e do Bonfim, em S. Cristovam.

Não sabemos em que pé se encontra a greve da Empreza de Mundanças Coimbra.

Os trabalhadores de certa firma da ilha da Conceição estão tambem em parede ha muitos dias.

No Monrói, meia duzia de papa-cobres do Parlamentarismo Indijena, teem dado «seriamente» á lingua, com respeito a esse dezabrochar de grandes, de fecundos acontecimentos...

ANTES FOSSE RIAL ESTA CALUNIA!

Apontados pela policia desta capital como cauzadores de todos esses acontecimentos, dezenrolados do lado de lá da Guanabara e, por consequência, da greve da Cantareira, foram prezos e se acham recolhidos á sala do Arquivo do Palacio das Torturas (Central de Policia) muitos amigos nossos (alguns prezos por precaução...) Só destes, porém tivemos conhecimento:

Astrojildo Pereira, redator da CRONICA SUBVERSIVA; Raymundo R. Martins, João da Costa Pimenta e Antonio Jozé da Cunha, socios do Centro Cosmopolita; Jozé Cajazzo, Antonio Maças, Francisco Ferreira, Alberto Zamorano, Rafael Lopes, João Gonçalves da Silva e o pai do academico Alvaro Palmeira.

Comentarios? Não os fazemos. Já os temos feito de sobra.

— Um dia havemos de ser nós os vencedores, e enfão outro galo cantará.

Contudo vamos reproduzir o artigo supra, publicado em o n. 36 do COSMOPOLITA, intitulado: AS GREVES:

Não obstante as medidas de violencia dos governantes e das disposições defensivas do capitalismo, as grèves se multiplicam. E' que as grèves respondem as causas profundas; são a consequencia inofismavel de um estado economico deploravel... Demais os fenomenos economicos desta natureza, como abarcanis de certo radio social, teem suas leis de desenrolamento e seus fatores definidos, bastante familiares ao sociologo.

Aqueles que supoem a existencia de greves artificialmente provocadas por agitadores profissionais, ou que julgam haver possibilidades de impedi-las por meio de uma legislação inteligente, equivocam-se duma maneira lamentavel. Os conflitos economicos, muito embora outra couza pareçam ao observador dileitante, não são o resultado duma vontade conciente, nem fruto dum capricho do proletariado organizado.

Ha quem acredite que a lei pode conjurar as greves; que é tal o poder de sua influencia, que uma vez sancionada, os conflitos desaparecem lentamente e que em lugar destes floresce a conciliação entre o capital e o trabalho. Iluzão vã!

Uma vez que as leis que se possam manufaturar, não ataquem de rijo os privilegios do capitalismo—couza impossivel—; não suprimam a cauza do mal; não retifiquem a injustiça evidente de que certos homens possam impunemente explorar em seu beneficio proprio a energia e a a inteligencia de outros homens; enquanto imperar o salariato, — não haverá paz social, não poderá haver-la, pezar de todas as leis de arbitrajem obrigatoria, ou outras quaisquer leis com as quais nos queiram «obzequiar» aqueles cujos interesses, neste caso, são diametralmente opostos aos nossos. Diametralmente! Terminantemente!

P. S. — A policia deveo ao cumulo de architectar a historia de um bilhete comprometedor, grave, terrorista, terrificante, denunciador, dirijido de Niterói ao Astrojildo, por um tal de Ateu. Daí a prisão do Jildo... e dos demais amigos.

E. Joaquim Campos, o cão, é ainda o indicador policial. Mas não ha nada como um dia depois do outro!

AOS TRABALHADORES EM TRAPICHES E CAFE'

Aos demais trabalhadores do Rio, A IMPRENSA E AO PUBLICO EM JERAL, foi dirijido o seguinte manifesto:

• Sentindo a necessidade de explicarmos a todos os homens que aspiram a justiça, as verdades irrefutaveis sobre o nosso cazo atual em que nos envolveu a meditada e dezumana perseguição capitalista, representada na tirania rotulada com o pompozo titulo de «Centro do Comercio de Café», viemos dizer bem alto pelas palavras do presente manifesto, que tão justa é a nossa cauza, tão repugnante e malevola é a pretensão dos ricos e insaciaveis donos de Café, os quais insidiosamente e de má fé procuram destruir a nossa Sociedade de Resistencia, o nosso baluarte de defeza que tantos sacrificios nos tem custado a manter de pé para assim conseguirmos nos curvar a uma escravidão mais negra e miseravel, sem nos restar nenhum meio de resistencia, esfacelados e dispersos, e ao bel prazer das vontades e dos caprichos dos potentados endinheirados sugadores do suor proletario.

Nós temos dado provas de que nos anima o dezejo de contribuir para o progresso: os nossos braços se esgotam na faina do serviço, o suor rega-nos o corpo nas lidas das cargas e descargas, com o peçoço esmagado em baixo do peso dos sacos, matando-nos muitas vezes para conseguirmos o pouco que nos torca do muito que enriquecemos aos poderosos proprietarios sempre descontentes e gananciozos.

E' fato sabido que a vida está cada dia mais cara.

Não ha um só homem de bem que não reclame contra os preços excessivos dos alimentos.

Nós trabalhamos com uma tabela de preços de serviços feita em 1906, «ha doze para treze anos, sem alteração!»

Temos suportado demais!

Temos comido o pão que o Diabo amassou.

Temos portanto direito a reclamar um aumento em nossos salarios, alguma couza que se aproxime sequer do vertiginoso aumento de preços de todas as mercadorias.

Pois bem; porque reclamamos aos donos do Café um moderado aumento de salario nas tabelas do nosso trabalho eles nos responderam declarando-nos o Lock-Out, isto é, despedindo-nos do trabalho, prohibindo que trabalhem na carga e descarga do Café todos os que forem socio da nossa Sociedade de Resistencia.

Esta foi a resposta da nossa justa reclamação.

Eles, os donos do Café, eles que são os mesmos donos do assucar, do feijão, da carne seca, do arroz, da banha, do kerozene, que vendem estes jeneros a pezo de ouro e que não cessam de aumentar os seus preços, açambarcando mercadorias e especulando com a «fome» do povo, querem nos alitar a miséria, querem derrubar a nossa associação, querem se fazer passar por vitimas, nos caluniando, nos intrigando nos taxando de

«bandidos» na fraze do repleto e insolente barrigudo Dias Tavares e outros.

Eles dizem entre si: «Esta cabroceira está se salientando muito. Aonde é que já se viu trabalhados negros boçais se atreverem a discutir com os seus patrões com Sociedades e fiscais de serviço?»

Que dêzaforo? Essa jenlinha não quer conhecer o seu lugar.

Ah! mais devemos de fazer dobrar o lombo ao serviço e todos bem caladinhos: para que temos a policia e o dinheiro?»

Assim eles falam companheiros. Hoje procuram acabar com a Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiches e Café.

Si conseguirem, amanhã acabarão com outra e depois outra e assim até não restar nenhuma Sociedade Operaria.

Os nossos companheiros estão sendo prezos pela policia, só pelo fato de passarem pelo do depósito de café: a liberdade de tranzito já não existe para nós, que a policia não quer.

E fale-se em Civilização! E nos lembrar-mos que os mesmos soldados de policia, muito deles já carregam sacos como nós, e que podem amanhã voltar para o meio da nossa classe!

Soldados que foram operarios e voltarão a ser operarios!

Os capitalistas apregõem que querem a liberdade de trabalho: liberdade mentiroza, onde eles teem tudo a ganhar e os trabalhadores tudo a perder.

Só pode haver liberdade em um trato qualquer, quando aqueles que fazem o trato estão em igualdade de condições.

Ora, entre capitalistas e trabalhadores não ha igualdade de condições.

Os capitalistas tem o dinheiro e os meios de trabalho, e a garantia do direito de propriedade mantido pela força armada, podem portanto esperar, alimentarse e empregar os seus capitais onde bem lhe pareça.

Os trabalhadores nada teem: somente a força dos braços ou da inteligência, as quais teem de ser empregadas no trabalho, unico meio do trabalhador não morrer de fome ou ser prezo e condenado como vagabundo.

Portanto as condições só são vantajozas para os capitalistas.

Aos trabalhadores resta somente submeter-se ás conveniências dos capitalistas ou se alirearem a mais completa miseria.

Já veem pois, companheiros que a tal «liberdade de trabalho» dos capitalistas é nada mais nada menos que uma «rapuca», uma «esparrela» armado para os «troxas».

Hoje os Krunnirros que se sujeitam a trabalhar sem se lembrarem de que estão cavando a sua propria ruina, serão amanhã desprezados, até pelos próprios patrões, como maquinas estragadas.

As promessas de agora, se transformarão em duras diziluzões e esquecimentos.

Abandonados pelos patrões, e repellidos pelos trabalhadores dignos, os «Krunnirros os furas» serão sempre uns desgraçados joguetes, escurraçados por todos.

Quem quiser que se iluda.

Companheiros!

Toda ira dos comerciantes do Café, toda a sua prepotencia, toda a sua arrogante fanfarronice de nada valerá contra nós.

Comnoso estão muitas classes trabalhadoras.

Temos recebido a sincera adção de quasi todas as sociedades de Resistencia nossas co-irmãs, que por officio «amistozos» e por meio de commissões representantes teem nos trazido o seu valoroso apoio.

Irmãos trabalhadores, a nossa dignidade é compreendida e sentida.

As nossas convicções de que sahiremos vitoriosos, aumentam e se solidificam com o jesto admiravel de solidariedade operaria.

Have-mos de cantar com intusismo, lembrando os estrofes da Internacional dos Trabalhadores:

PAZ ENTRE NÓS
GUERRA AOS SENHORES

VIVA A NOSSA SOCIEDADE DE
RESISTENCIA!!

Viva a solidariedade dos
Trabalhadores!!!

VIVA A LIBERTADAÇÃO DO OPE-
RARIADO!!

Rio, 7-8-918
A COMISTAÇÃO.

Eferecencia Operaria

Os acontecimentos desenrolados em Niterói, em que a policia teve o seu papel saliente atacando o povo, teve bem triste repercussão nos centros operarios daqui.

A REVOLUÇÃO RUSSA

(VISTA POR UMA FRANCEZA)

Sesta feira, 8 de Março. — A noite tranquila. Meu secretario, Michel Bragninsky, acaba de chegar. Corre o boato de que foram prezos 400 operarios do «faubourg» de Narva e 600 do de Viborg.

Entre a população obreira a eferecencia atingiu a plenitude. Não ha, hoje, uma só fabrica que não esteja em greve. Os «tranxas» deixaram de circular. O sr. Michel tomou o ultimo que atravessou as pontes, vindo de Vassiltewsky — Ostrow. Elle foi, mesmo, testemunha de incidentes, assás significativos. Vendo parado um bond ele se dirije á recebedora e pergunta-lhe si o carro vae partir.

— Não, porque eu tenho medo, responde ella.

Um coronel que ali se achava, gracejando interpela-a:

Medo? Que tollice! Vamos partir immediatamente!

E todos sobem para o tramway.

Uma estação alem, apossima-se um bando de garotos e pretende arrancar a alavanca do fio. O coronel e Michel escorraçam-nos. Parte de novo o carro. Os passageiros tiram do bolso dinheiro para as passagens, mas a recebedora se recusa a aceitar-o. E invectiva o «catman» (motorneiro):

— Porque diabo foste mover o carro? Não apanhaste já bastante? Eu, como já levei umas pancadas tenho medo...

Transporta a ponte do Palacio, o bonde pára, e desta vez para não mais sair. Alguns choques se deram esta manhã entre o povo e os agentes de policia. Dizem que ha victimas, dos dois lados.

Eis-nos á entrada da Perspectiva Newosky. Belo é ainda o tempo e multidão numeroza, como na vespera. E ainda como na vespera, é em Nossa Senhora de Kozan que o interesse começa. Quasi todos os armazens estão abertos. A multidão ambulante transborda dos pa-

seios para o meio da rua. Nada de gritos; é mais firme resolução sob o maior sangue-frio. Que diferença entre esta e a população ezaltada e mistica de 1905, vivendo uma lenda, numa atmosfera de misterio apurado religi-zo? O povo de 1917 é realista. Dois anos de guerra abriram-lhe mais os olhos que um século de tranquilidade e de paz.

Eu continúo a percorrer a Perspectiva. Subito, um ioven «proporhtchik» que comanda um destacamento de Cossacos estende o braço num jesto brusco e parte-lhe da garganta um som rouco. Os Cossacos obedecem á ordem, espeream os cavalos e dão a carga para varrer a rua... Correndo, a multidão abre alas; mas logo após a sua passagem se concentra de novo e grita: «Murrah!». Todos se admiram da moderação dos Cossacos, de ordinario tão ferozes na repressão. E executada a carga eles seguem tranquilamente, a passo, pela Perspectiva, fisionomias rizonhas e olhando com satisfação a turba que os aclama.

Um operario apossima-se de um oficial a cavallo:

— Lembra-se Vossa Alta Nobreza, que somos todos famintos... Os vices encaicaram ainda mais nestes dois dias de perturbacões: uma melidazinha de latatas que valia 25 kopeks antes da guerra, vende-se hoje por 5 rublos. E' impossivel encontrar ovos. E ha pessoas absolutamente privados de pão!...

Sabado — Agravam-se os acontecimentos. Os jornais já não saem. Patrulhas guardam as pontes do Neva; os diversos bairros da cidade não se communicam mais entre si. Todos os bondes são obrigados a parar; um deles foi pela multidão virado no Neva, cuja superficie está ainda congelada. Sangrentas dezordens se verificaram nos quartieiros populozos da cidade; em Petrogradskaja — Sterana e em Vassiltewsky — Ostrow. Neste ultimo, um «proporhtchik» penetrou numa uzina cujos operarios haviam declarado á «greve italiana» (braços cruzados diante das maquinas) e ordenou uma descarga: Seus soldados recusaram-se a obedecer-lhe. Então o official, sacando do revolver, disparou-o tres vezes, fã endo tres victimas: duas mulheres e um homem. A multidão quiz linchal-o, ma ele conseguiu fugir.

Um fato anologo se produziu na fabrica de fumos Laferme. Ahi só houve uma victimas; e os operarios espuzeram o seu corpo á entrada da fabrica, convidando a multidão a desfilar diante dele.

Augmenta a superecitação; varios armazens foram atacados e saqueados. Um dos nossos amigos conta que assistiu ao saque de uma pequena loja de judeus. Enquanto a turba se comprimia no interior, passava na rua um soldado, indiferente. De repente, ele avista umas «corquettes» de uniforme que tinha escapado á furia dos assaltantes. Pára, tira a que trazia na cabeça, calmamente esmertemta outra, e, como esta se ad'asse perfeitamente á sua cabeça, ele lança a velha para dentro da loja e vai-se embora no mesmo passo, tranquillo e indifferente.

Em plena Perspectiva Letiény, um garoto de 14 annos oferece aos trazeentes, 6 duzias por um rublo, botões de nacar que furtara pouco antes. Em si mesmos insignificantes estes pequenos fatos provam que a moral do povo já se oblitara: não se distingue mas o «tu» do «meu»; o roubo campea sem temor da punição; amanhã, talvez, todos os instintos vão se dezencadear.

Cada hora nos apossima do inevitavel; o exercito começa a tomar partido pelo povo.

Apenas podemos contar com o «teatismo» da policia militar e civil.

Por toda a parte o povo se acumula, gritando: «Pão! pão!»

Cenas de um patenismo grandioso se desenvolvem quasi a cada passo. Um batalhão do rejimento da Guarda Semionowsky recebeu ordem de «varrer» a Perspectiva Newosky. Ao chegar esbarra com outro do rejimento de Volhinsky que abraçara a cauza do povo... Os dois batalhões se defrontam. Um grande fremito ajita a multidão. Que se passará? E de repente nós assistimos a esta coisa extraordinaria: o velho official que comandava os soldados da Guarda empinou-se nos estribos e dir'f'indou-se a seus homens: «Soldados, não posso ordenar que atreís contra vossos irmãos! sou, porém velho de mais para faltar ao meu juramento! E, sacando do revolver, mata-se. Seu corpo foi envolto numa bandeira e seus comandados se passaram para o lado do povo.

Nem um grito foi ainda proferido contra a guerra ou contra o Imperador. Ainda se pode esperar que só o ministerio e os jermannos soffram o contra golpe da situação que crearam...

Hoje ás 21 horas, importante assembleia jeral para a qual estão convidados todos os companheiros associados.

O nosso aplauzo sincero á forma pela qual tem ajido a diretoria do Centro, no localte á prisão dos camaradas Raymundo, Cunha e Pimenta.

(Continúa)

O 4. aniversario da guerra

O 4. ano de guerra é comemorado com a tomada de Soissons pelos aliados. Quatro anos! Quatro anos de sangue, de fogo, de morte, de destruição! Quatro anos de terror, de loucura, de infamias, de saques, de tudo quanto de mais abominavel trouxe a guerra! Craneos emagalhados, onde os olhos, fóra das orbitas, exprimem o louco furor da sanha guerreira. Braços que saltam, despeçados os corpos por um obuz, cujas mãos se contraem em crispacões nervozas; bocados de carne humana voando pelos ares, quais hediondos passaros encarnados: homens, feras, que se chocam, laminas que se enterram e são retiradas (lutas de saque: batalhões, rejimentos, companhias e exercitos que se atiram, quais fúrias, uns contra os outros, na loucura da defeza e do ataque, dezolando-se, espatifando-se, escurtejando-se, carneiros de si próprios, dir'idos por um homem, joguetes dos caprichos de um testa coroadá, do barrete frijo, dos homens de negocio, dos fabricantes de canhões, couraçados, aeroplanos e submarinos! á tiradões uns contra os outros, pelas maquinações da diplomacia secreta, pelos conciliabulos dos financeiros, pelas rivalidades commercias, pela conquista de mercados; experimentados praticamente em campo aberto e em massa, pela fisica e pela quimica ao serviço da guerra; mantandando-se em nome da Vida, entregam-se prisioneiros em nome da Liberdade, transformam-se em feras pela Civilização, assassinam em nome do Direito e da Justiça, praticando a Igualdade pela fúzo de seus sangues e suas carnes, enfieçadas num formidavel abraço de Fraternidade pela Morte vencedora!

Cazas que dezabam, canhoneadas, soterrando velhos e creanças, vilas devastadas pela horda que passou qual tufão, recuando ou avançando; cidades bombardeadas, servindo de alvo aos 42 e aos 75, dinamitados pelos artilhos, saltando sobre minas espliozivas, toda uma abominação que ultrapassa os límites da razão, que chega ao auge da loucura, na fantazia hedionda e macabra da morbidez burgueza, da paz armada, da propriedade privada, do Capital, do Militarismo e do Clero, do crucefisco, da farda e da moeda, guerra consagrada pela Lei, garantida, fomentada e ateadá pelo Estado, alimentada pela plébe, pela escoria da sociedade que é o povo quando reclama pão, e pelo «patriotismo sublime» e «sentimentos nobres» deste mesmo povo, quando a Patria está em perigo.

E, oh! ironia das cousas, paradoxo bem explicito para nós! Enquanto nós, os anarquistas, dinamiteiros, partidarios da dezordem, da traição, nós, os sapadores que atacamos os alicerces da sociedade atual, nos declaravamos anti-guerreiros e faziamos declarações contra o crime iniciado em Serajevo, eles, os apolojistas da paz armada, pacifistas a Bilac ou a Wilson, os partidarios de todas as escolas evolucionistas-conservadoras, moderados, liberais, radicais, socialistas de todas as côres

e feitos, aplaudiam comodamente, votando todos os creditos de guerra, todas as medidas de repressão contra os anti-guerreiros e propagando a necessidade de se dar guerra até o esterminio nos barbaros germanicos.

E atiram-se então protestantes, catolicos, ortodoxos, fetizistas, budistas, israelitas, implorando a proteção dos seus deuses, contra maometanos, ortodoxos, catolicos e protestantes que rezam a Allah, a Moloch e a Jehovah pedindo a vitoria das suas armas, a derrota do inimigo.

Começa a fome a apertar o povo, a miseria invade lentamente os lares nos quais falta o paé, o irmão, o filho... Viva a guerra! Os açambarcadores começam a fazer fortuna, negociantes batizam os jeneros de consumo, padres e freiras e irmãs de caridade boicotam os irreligiosos que não querem aceitar bentinhos e ouvir missas e... viva a guerra! Voltam os mutilados, os cegos, os estropiados, rezíduos da matança, reflexo perene da hediondez guerreira...

Mas, começam a ruir os troncos, rolam dos cimos da escala social as cabeças coroadas, a Russia rebelada aterroriza a burgueia internacional, um tribunal de homens do povo resolve condenar a fuzilamento o tear de todas as Russias e esse coração no qual circulava o sangue-azul é varado pelas balas redentoras das carabinas empunhadas pela plébe, pelo mujik.

E ha uma ancia de paz e um medo enorme da revolução social: a guerra prolonga-se sem o vislumbre de um accordo que dezze encobertas as manobras da burgueia aliada-germanica.

Sucedem-se as ofensivas, tomam-se polegadas de terreno e perdem-se milhares de vidas humanas e... não ha formula bastante que satisfaga o imenso sacrificio feito pelo povo.

Ela continuará até o limite massimo que pôde suportar o povo, enganado pelos advogados de companhias e empresas guerreiras e pelos comunicados officiais.

Preparando a intervenção militar na Russia, a burgueia aliado-germanica assina a sua sentença de morte, querendo intervir na vida interna de um paiz, de um povo, quando ella mesma está sobre um vulcão que abri-ruas crateras quando soar a Hora. E então veremos, verá o mundo, depois da maior guerra que a historia registrou, a maior revolução popular, a mais completa obra de espurgo e emancipação, o complemento da Revolução Russa, a Revolução Social, pois que toda a preocupação humana é reorganizar a Vida da sociedade depois de solucionada a guerra atual.

Bem unidos façamos
Nesta luta final
Duma terra sem annos
A Internacional.

A. Buisse.

REGORDANDO

Ao povo Trabalhador

Ha certos acontecimentos que não se devem apagar da memoria do povo, porque marcaram na sua historia, épocas de lutas grandiozas, painjas de heroismo e abnegação.

A Revolução Franceza, que em Julho de 1789, mostrou ao mundo inteiro a força onipotente de um povo revoltado, abriu novos horizontes ás ancias populares, fazendo-as entrever um mundo de justiça e liberdade, — é um desses acontecimentos.

Nada o fará olvidar.

Com o transcurso do tempo, a sua lembrança se aviva ainda mais, pois que, cada coração sente que se aproxima a hora do triumpho dos ideais que surrijam então, e que julgaram poder afogar no sangue que enrubeceu Paris.

Soou então o fim da nobreza dejenerada, devassa, que estorquia sem piedade o povo para poder dar arrhas ao seu afan de luxo e ostentação, e aos caprichos fantasticos das grandes cortezas.

Hoje são, finalmente, a hora da grande revindita, a do fim da burgueia grosseira e hypocrita, que soube aproveitar aquella época para impor a sua tirania, menos frivola é certo, mas nem por isso menos despota e estorquidora.

Depois da nobreza, que cáia a burgueia!

E o povo, erguendo, alfim, a fronte augusta, liberto de todo o jugo, unico senhor da terra, desfaldará ao vento a rubra bandeira das supremas reivindicacões entre cujas dobras a Humanidade encontrará, finalmente, o verdadeiro Progresso, a verdadeira Civilização.

Para nós, trabalhadores de S. Paulo, Julho traz-nos a lembrança de acontecimentos, que, embora não transpondo como a Revolução Franceza, mares e fronteiras, nem por isso deixam de ser, para nós, grandiozos e fecundos.

Faz um anno, S. Paulo plebeu, sacudindo a sua triste letarjia, ergueu-se contra os seus tiranos em nada diferentes aos da França de 1789.

O povo de S. Paulo é de per si ordeiro e pacato; mas os seus governantes abuzaram sempre destas qualidades, e abuzarão ainda, enquanto não receberem a lição que merecem.

Estes abuzos arrastaram o povo, em Julho do anno passado a uma revolta justa, que a policia, covarde e assassina, quiz sufocar, como sempre em sangue.

E, filhos do povo tombaram na peleja, derramando o seu sangue jeneroso em pródolos proprios irmãos de sofrimento, sangue que clama contra tanta injustiça e tirania, e que nos indica bem claro o que nos resta a fazer.

Aqueles que, ha um ano offereceram jenerosamente a sua vida em holocausto ás nossas justas reclamações, não devem ser por nós esquecidos. O esquece-los seria a maior das covardias, seria mesmo uma traição infame, pois que nós temos o dever indeclinavel de vingar a sua morte.

Eles tombaram por querer dar-vos um pouco de justiça e bem estar. Justiça e bem-estar nós merecemos, pois que somos os produtores de tudo quanto existe. Possuimos tambem a força suficiente para conseguilo se sobermos ser unidos e decididos.

Os proprios acontecimentos nos indicam qual a melhor forma de vingar os nossos irmãos assassinados.

As reclamações que então faziamos (algumas das quais finjiram conceder-nos) eram justas, razoaveis, mas não foram atendidas.

Como então possuimos a força, procuraram enganar-nos, tal qual fez outrora a burgueia franceza.

E, com a nossa boa fé, deixamo-nos ludibriar ao ponto de nos achar hoje mais escravidados do que nunca.

Até eles!...

Subordinado a este título muito serio e preventivo: «Um grave perigo,» e o invertido subtítulo: «Os capitalistas em luta com o operariado,» publicou a revista protestante — «Sinais dos Tempos,» n. 7, um paradoxal artigo, intercalado com significativos clichês, e do qual extraímos o seguinte brocado:

Os capitalistas

De quão imensas areas de terreno não se apossaram os homens, durante o ultimo seculo, na America e Australia, afóra vastas regiões na Azia e na Africa. A occupação destas trajetos de terra, que ha poucas decadas ainda jaziam incultos, contribuíram, já se vê, para o prodigioso aumento da riqueza deste mundo. Importa que nos lembremos tambem das minas de ouro e outros metais preciosos, bem como dos inesgotaveis jazigos de carvão, kerozene etc. que ha poucos annos foram descobertos. Egualmente devemos mencionar os deslumbrantes successos das invenções modernas, o emprego do vapor como força motriz de nossas maquinas de industria e de condução, a utilização da electricidade etc.; tudo isto constitue a cauza do repentino aumento de fortuna que, na epoca presente, assombra os habitantes de nosso globo.

O sr. Gladstone, eminente estadista inglez, em um discurso que, pouco antes de sua morte, pronunciou, disse: «Acham-se aqui prezente cavalheiros que têm prezenciado maior accumulação de riquezas dentro do espaço duma vida humana do que jamais foi vista desde os dias de Julio Cezar.»

«isto é um fato irrefutavel. No decorrer dos ultimos cincoenta annos a Inglaterra tem triplicado a sua riqueza, os haveres da França quadruplicaram, ao passo que os Estados Unidos da America do Norte multiplicaram o seu capital a seis vezes maior do que era antes. E' nesta grande republica da America do Norte onde ha cem annos se contavam só dois millionarios e onde existem actualmente 10.671 deles. Temos tambem o magnate norte-americano Rockefeller, que em só um anno conseguiu juntar \$139.000.000.00, ou sejam cerca de 532.000.000\$. Em vista de tais algarismos não surpreendemos nos «Cosmopolitan» de Janeiro de 1903, a noticia de ter chegado «O Primeiro Bilionario», sendo que a fortuna de J. P. Morgan e de J. D. Ro-

ckefeller é computada em \$1.000.000.000.00, ou sejam 4.000.000.000\$ cada um. Afim de intensificar ainda mais esta rapida conjecção de fortuna nestes tempos modernos, os capitalistas conceberam a ideia de formar corporações ou trusts, tendo por fim o de monopolizar a industria e exercer controle sobre os preços. Eis porque em todo o mundo a «cristia de vida» se acentua mais e mais. A situação actual pode muito bem ser resumida numa fra e curta, a saber: «Os ricos se tornam cada vez mais ricos, ficando os pobres cada vez mais pobres.»

O OPERARIADO

A tendencia sinistra das coisas que acabamos de mencionar foi notada tambem pela classe operaria. razão porque vemos, ha alguns annos, da parte deste partido (o grifo é nosso) um desesperado esforço por fazer frente ás corporações capitalistas que vêm mais e mais disputar-lhe o pão quotidiano. A' imitação dos reis da industria, tambem elles se organizam, formando por sua parte poderosas corporações que por meio de greves procuram torçar os capitalistas a dar-lhes mais salario. Na verdade conseguem aqui e acolá algumas vantagens, mas os ricos determinam os preços e, na medida que aumentam tambem o preço dos artigos de primeira necessidade. E' a situação não só continua a ser a mesma, mas antes insiste em tornar-se, dia a dia, mais desesperada.

Repetidas vezes os operarios têm recorrido a este seu unico afim de conseguir as coisas mais necessarias para si e suas familias; e os resultados sempre têm sido as mesmas. Em todos os paizes ouve-se a ominoza murmuração das multidões descontentes, rumor este que, semelhante ao surdo ruído de um vulcão antes da erupção, recrusce dia a dia. Mas tambem as Escrituras Sagradas advertem-nos de que, sobre os ricos, que entezouraram «para os ultimos dias», cairão grandes afflicções e miserias, pois lemos: «Eia pois agr. vós, rico, choral e prantai, por vossas miserias, que sobre vós hão de vir. As vossas riquezas estão apodrecidas, e os vossos vestidos estão comidos da traça. O vosso ouro e a vossa prata se enterrujaram; e a sua ferrujem dará testemunho contra vós, e comerá como fogo a vossa carne. Entezourastes para os ultimos dias.» Tiago 5: 1-3.

Num artigo publicado no «Current Literature» encontramos o seguinte paragrafo: «Ameaça estalar uma nova revolução, em comparação com a qual, si fôr bem sucedida, a Revolução Françeza não passará dum insignificant disturbo local.»

Ha abundantes indicios de que o dia de ajustamento de contas com aqueles, que pelo seu amor ao dinheiro têm oprimido o pobre, não esteja muito distante. Uma prova disto offerce-nos o fato da rapida difusão, entre a classe operaria, da nova doutrina chamada «socialismo», bem como do cordial acolhimento que ella teve em todo o mundo. Esta doutrina originou-se em Paris, no anno de 1895, e apresenta um novo plano, colimando a solução das difficuldades industriais.

O socialismo pede que sejam proprietarie publicos todos os meios de produção e distribuição, ao passo que os operarios sejam os donos e directores em absoluto do sistema industrial inteiro, das finanças, do transporte, das fabricas, minas, enfim, de tudo. Um dos campeões deste sistema disse: «Somos nós que actualmente fazemos o verdadeiro trabalho, e recebemos somente a sétima parte do que produzimos. E' nosso objetivo conseguir as sete sextimas partes.»

As greves modernas distinguem-se em muitas das que se realizaram antes que surjisse a doutrina do socialismo, pois reveste-se mais e mais de caracter revolucionario, sendo a sua arma a «greve jeral». Um artigo que, sobre este assunto, se publicou no «Times», de Londres, diz:

«A greve do socialismo não é somente um meio para conseguir aumento de ordenado. E' um ato revolucionario. Seu proposito é de derribar a ordem actual das coisas, impedindo toda a actividade. Todos os trabalhadores manuaes deixam de trabalhar, a sociedade fica paralizada, os viveres se acabam, não ha mais segurança publica, nem meios de viajar, o roubo e a dezordem reinam supremos, chama-se os soldados, mas estes reuzam pegar nas armas contra os seus correligionarios, os grevistas e, eis aqui, a revolução é um fato! Os gremios operarios tomam posse dos recursos economicos da nação, reorganizando-os.»

Em termos identicos esprimiu-se ha pouco o sr. Charles M. Schwab, presidente do «Pethlehem Steel Trust» de Pennsylvania, num

discurso que elle fez ante uma reunião de capitalistas, dizendo: «Estamos no limiar duma nova epoca social. E' possível que a nova ordem das coisas traga para alguns de nós serias contrariedades, mas ella virá antes que o supponhamos. E' isso a renovação social do mundo. Alguns chama de «Socialismo», outros de «Bolschevismo», e sua significação é que o operariado, que actualmente não está de posse dos bens, occupará a posição dominante do mundo, não somente na Russia e na Alemanha, mas tambem nos Estados Unidos da America do Norte.»

Entre os exemplos mais interessantes da luta duma nação afim de emancipar-se do poder autoritario, a revolução da Russia ocupa um lugar saliente. O «Sun» de Nova York, descreve esta revolução como «uma dos levantamentos mais maravilhosos da hitoria... Começando com uns motins de pouca importancia, relativos á escassez de viveres e algumas greves de operarios, o clamor por pão comoveu de tal modo os corações dos soldados, que os rejmientos sublevaram-se um após outro até que, por fim, as tropas que ainda haviam ficado leais ao governo tomaram suas armas e fi eram cauza comum com os rebeldes.»

A tendencia jeral das guerras passadas tem sido de aumentar o poder da classe capitalista bem como de precipitar a classe operaria em ainda maior pobreza e miseria. Porventura esta presente guerra constituirá uma excepção a esta regra? Até agora se tem feito grandes concessões aos operarios, pois era necessaria sua cooperacão para continuar a a guerra. Por outro lado, porém, a guerra tem aumentado as dividas das nações até um ponto sem precedentes. Quem são os credores? A classe abastada. Quem então ha de pagar as contas? Esta tremenda carga de pagar os avultados juros d sta enorme divida ha de cair sobre os hombros, aliás já tão sobrecarregados, das massas, pois isto provou os exemplos do passado. E, se isto succede, que mais poderemos esperar, senão que um descontentamento mais profundo e rancoroso do que jamais se viu, manifeste a sua dezerefreada furia em medonhas sublevações e revoluções? Os exercitos das nações compõem-se das massas. Os homens que agora estão nas trincheiras, a sofrer fígulas e a encarar, diariamente, a morte por cauza da liberdade, (tambem é nosso o grifo) acaso não serão eles então os primeiros a simpatizar com o clamor por pão de seus filhos e esposas famintos, do mesmo modo como succedeu no caso dos soldados russos?

Tudo indica que a guerra actual instigará a cada vez mais encarnizada luta entre o capital e o trabalho a um ponto de intensidade que ninguém é capaz de prezentir.

com a facilidade das coisas comezinhas. Ali ha entendidos em todos os assuntos: em technica militar e naval, em politica, finança e economia, pedagogia, etc.

Em certa altura aparece á meza uma teze que provoca viva discussão. E' a carestia da vida.

O dono da casa, que até então tinha estado alheio a tudo isto, entretido com a papelada do negocio, acerca-se da meza e, dando uns ares de quem toma a presidencia da alguma assembleia, começa a fazer uma erudição sobre feijão, arroz, hortaliça, carnes, acabando por convencer aquela jente que ainda assim mesmo se comia muito e barato. «Enquanto durar a guerra,— diz o comerciante ao terminar — temos todos que nos sacrificar...»

Mas agora sai-se um outro com outra teze: — E porque não acaba a guerra?

Os criticos militares tomam a palavra e a discussão desenvolve-se rapida. Batem as 19, 19 1/2, as 20, e cada vez ha menos possibilidade de um accordo.

Mas eis que se ergue de novo a voz do dono da casa pedindo a palavra, e começa em seguida numa arenga que me foi impossivel taquígrafar.

Depreendi daquela confusão que o homem atribuia a «paz em separado» da Russia, o não ter ainda terminado a guerra. Nesta altura achei conveniente intervir:

— Os senhores entendem que a Russia não devia fazer a paz?

O dono da casa, ainda bem não tinha eu concluido a pergunta respondeu:

— Pois está visto. Foi uma tração!

— E porque chama o senhor tração?

— Porque chamo tração?! — E o homem começou a olhar-me de sobrolho carregado, como a sorrir-se da injenuidade da minha pergunta.

— Então o senhor não lê os jornais?

— Aquilo é uma desgraça que por lá vai!

— Pois sim, seja. Mas porque entende que é uma desgraça o que por lá vai?

— Porque é uma desgraça?! — E o homem começou a vaguear o olhar, ora pelo chão, ora pelos circunstantes, como que á procura de uma coiza perdida.

— E' uma desgraça porque... porque... — Bem sei. E' uma desgraça porque é uma desgraça.

Retirei-me, deixando aquele pessoal a entrolhar-se enquanto eu concluía que os serviços prestados pela imprensa á «opinão publica», fazem dela um «raciocínio» de papagaio que apenas repete, muito inconscientemente, aquilo que ouve dizer.

Izidoro Augusto Silva.

DESCUIDOS DA GRANDE IMPRENSA

«Parcimonia nos gastos... Quando terminar este governo, o povo saberá que de todos os governos do Brazil o que mais gastou foi o do ecmo. sr. dr. Wencesláu Braz. 960 mil contos de emissão e mais as receitas «regulares» de quatro exercícios... Do «Rio Jornal» de 8 do corrente.

Retirei-me, deixando aquele pessoal a entrolhar-se enquanto eu concluía que os serviços prestados pela imprensa á «opinão publica», fazem dela um «raciocínio» de papagaio que apenas repete, muito inconscientemente, aquilo que ouve dizer.

Izidoro Augusto Silva.

Inconciencia publica

Um dia destes percorria eu a cidade, na hora em que o seu movimento mais se accentua. O sol, já no horizonte, demorava ainda alguns raios na ortodoxa despedida quotidiana. E' a hora em que as fabricas se despejam e as ruas enchem-se de jente de todas as condições sociais. Senhoras, trajando ao requinte da moda, estonteiam os tranzeuntes com o cheiro ativo das essencias que exalam. Finas cuzimiras, confeccionadas artisticamente, produzem um contaço macabro, ezibindo-se entre a estamêna dos purias. Nas vitrines refletem-se as figuras dos gavroches contemplando, estáticos, o deslumbramento das riquezas ali accumuladas. Os veiculos cruzam as ruas em todas as direções, e uma luxuosa cabriolé, atrelada a um soberbo cavallo, defronta-se com uma carroça de mão puchada por um pobre diabo toda enodado e rôto; o cavallo ao apossimar-se do somenos veiculo, desvia-se ao contaço e sorri-se aristocraticamente da penuria do animal-homem. Enchem-se os cinemas, os cafés, as cazas de pasto.

Vou atravessando varias ruas até que chego ao ponto em que fica situada a preferida do meu ideal gastronomico. Semelhante ás suas congeneres no aspecto material, no aspecto moral tem ainda a caracterizacão de ser um pequeno centro de amena cavaqueira. Do limiar da porta divizo já um grupo, rodeando uma meza, em animado palejo.

Todas as tezes intrinsecas á filozofia do actual momento historico, são ahi debatidas

«Parcimonia nos gastos... Quando terminar este governo, o povo saberá que de todos os governos do Brazil o que mais gastou foi o do ecmo. sr. dr. Wencesláu Braz. 960 mil contos de emissão e mais as receitas «regulares» de quatro exercícios... Do «Rio Jornal» de 8 do corrente.

Retirei-me, deixando aquele pessoal a entrolhar-se enquanto eu concluía que os serviços prestados pela imprensa á «opinão publica», fazem dela um «raciocínio» de papagaio que apenas repete, muito inconscientemente, aquilo que ouve dizer.

Izidoro Augusto Silva.

NÃO HA DUVIDA que é na CASCATA DO MINHO
a afamada casa de petisqueiras, sob a competente direcção do Passos, é o unico restaurante onde se pode comer bem e a preços modicos, nestes dias de apertada parcimonia...
RUA DO LAVRADIO, 11 — Telephone C. 4725

Fabrica de Cerveja Oriente
de José Vasquez Ferro
Rua Visconde do Rio Branco 30



Pitoresco parc ao ar livre
(Entrada pela rua da Constituição 53)
TELEPHONE C. 1573
Rio de Janeiro

FABRICA LEALDADE
— DE —
AGUAS E GAZOZAS
ESPUMANTE — BRIZA — SEM ALCOOL
— BEDAM GUARANA —
J. FRANKLIN
— SUCO GAZOZO —
18, Rua D. Manoel, 18
Telephone Central 652

Café e Bilhares do Campo
Casa especial em café, chocolate, leite de Minas, mingaus, gemadas e ceias
ABERTO ATE' A' 1 HORA DA NOITE
José Antonio de Azevedo
R. Frei Caneca, 1
Canto da Praça da Republica e esquina da Rua Barão do Rio Branco
TELEPHONE: C. 3750
RIO DE JANEIRO

CRONICA SUBVERSIVA
Escalpelante panfeto-minion
Magnifica publicação semanal
Redator unico: o camarada Astrojildo Pereira
APARECE AOS SABADOS
Assinatura por 12 us 1.000
Avulso 100
Endereço: Caixa postal, 1936 — Rio

Folhetim
Henri Béraud
A ação de um Fantasma
— ou —
O Responsavel pela Grande Guerra
Tradução para O COSMOPOLITA por Vicente de Miranda Reis
CAPITULO III

— E' muito boa... E todos, com obzequoza disciplina, todos riram em côro.

O chanceler realizara este ato imbecil com jestos de sorambulo.

Eu estava dai por diante inteirado da estensão do meu poder.

Alguns dias depois sobrevem o acontecimento de Sarajevo.

Revelarei qualquer dia a trama desse arqui-quequedico que nada se afasta das tenebrozas tradições de Schönbrunn.

Na occasião do atentado, o sr. de Bethmann-Hollweg achava-se só em Berlim, entregue ás suas iniciativas.

Levando a bordo Guilherme II, o «Hohenzollern» atravessava a Jutlandia.

Pouco me interessavam os telegramas cifrados que o imperador trocava com o seu ministro a respeito do assassinio do arquiduque.

Para di er a verdade, começava a aborrecer-me a intimidade do politico morozo. M. de Pethmann-Hollweg era muito alemão, muito luterano e muito preocupado com as suas dejections. Meu fantas-na era idealista e atreito á poesia.

Assim, eu puz-me a receber que viesse a ser longo o meu cativo, alimentando projetos de evazão e achando muito raras as sessões de espiritismo na côrte de Potsdam.

Melancolicamente, antevia os gozos que teria experimentado em outro envolverço si, por exemplo, me tivesse encarnado numa grande cortezá, no sr. Bunau-Varilla, num tenor napolitano.

Lamentava, sobretudo, que a minha aventura não se tivesse distinguido por qualquer

estragancia. Sempre gostei de viajens. A alma dum cacique de Tubago, a dum sultão de Samarconda, a dum rajá de Bénarés, a do goufaloneiro do Vaticano ter-me-iam mais deleitado que o subconciante deste administrador antipitoresco.

Inviada-me o spleen». Eu flutuava, cheio de preoccupaões intestinaes que me davam, a meu ver, uns movimentos de tenia.

A volta de Guilherme rez dezaparecer o meu aborrecimento.

Mal informado ainda, sobre a politica alemã, não compreendi o jogo encoberto. Não tardei a reconhecer a importancia do assassinio de Sarajevo, durante as conferencias bi-quotidianas que no gabinete imperial reuniam os mais famosos servidores do imperio.

Tive occasião de ai ver Tirpitz, o pirimperial principe Radolin, Hindenburg, de massilares simiescos, o lacrimozo conde Zoppelin, o hispido von Klück, o arripido Mackenzon, o peralta Falkenhyn e o celebre Ballin, humilde e poderoso conselheiro do imperador.

O velho Haessler, especie de gato desdentado, vinha algumas vezes e de sua boca sem dentes deixava ezalar-se um cheiro uocabuabundo.

Todos esses dignitarios, ajazezados, uniformizados, cobertos de medalhas, celebravam o «povo eleito...» a missão regeneradora... a superioridade de colectiva da raça germanica... o direito á dominação, á expansão, a anesacção, etc.

Junto ao soberano, mudo e inquieto, cada um por sua vez, espicava sentenças de megalomaniaco e apoftegmas de louco místico. Não pronunciavam a palavra: guerra. Mas

as suas palestras cheiravam a polvora e a cadaver.

Tudo de que depois se fez tanta troça nos jornais, foi proferido no correr dessas reuniões.

As pequenas nações, — disse uma tarde o velho Haeserber, — são verrugas que conviria queimar, porque enfiam a fizonomia da Europa.

«Nosso povo, — profetizava o conde Zepelin, — nosso povo, no qual reinam, o temor de Deus, os bons principios e a moral, conduzirá a humanidade para os Eldorados do progresso e da ciencia.»

Mas von Klück, luterano e grandiloquo, cedidia todos os companheiros quando psalmodiava, voltendo os olhos, semelhantes a duas manchas de tinta:

«A hora do Altissimo soará em breve a rebate nas atalaies do Destino. — A espada alemã, — disse Hermann-Hotmeister, — é digna dos herois alemães; é feita de ferro alemão; a força alemã temperou-lhe a lamina a corajem alemã añou-lhe o gume: seus golpes serão certos, infalíveis, como a infalibilidade alemã.»

Breve Israel penetrará Gómorra, levando o archote vingador do Senhor, pela santa cauza da civilização!

«E sobre o mar, nossos navios comandados ás vagas, disse Tirpitz.

«Red the waves!» exclamou num tom morozo Herr Ballin, da Hamburg-America, que não perdia occasião de desfeitear o velho chocal do mar, seu inimigo e rival.

O metodo de «dumping» acrescentou o armador, não deu o que podíamos esperar. Jogamos com a baixa. Mas os inglezes e france-

zes é que aproveitam. Vender caro nossos produtos na Alemanha para entregar-los a vil preço no estrangeiro, torna-se um jogo de pacovios visto que o «trust» falhou.

«A divida aumenta. Os juros dos milhões emprestados devoram nossa actividade. Como havemos de pagar?»

«A tiro de canhão, disse Hindenburg, que falava pouco e bem.

«Havemos de pagar, com a graça de Deus, — disse o imperador com a sua voz cansada, — e graças ao ardor laborioso de nosso povo muito amado.

«Vossa Majestade, continuou Ballin; não ignora que me oponho aos meios estrems. Para os males financeiros, dezeria que achassemos remedios financeiros. Mas receio muito que o marechal tenha razão.

A furioza ambicao dos nossos adversarios não nos deixará talvez melhor saída.

Guilherme empalideceu, levantando-se:

«Tambem você, Ballin? A guerra, a guerra a que darei meu nome, é o que me propõem todos, todos!

E' horrivel! Não sabeis o que seria essa guerra? Os povos arremessar-se-iam a ella inconcientes da propria ruina. Tanto sangue correria que tornaria rubro o mar.

«A grandeza da Alemanha, — disse Haeseler que tinha a linguagem franca dos velhos criados — vale bem algumas semanas de pavor.

«Vossa Majestade, — disse von Klück — é longanimo. A Alemanha queria a paz porque como diz o adajo, foi ella que preparou a guerra.

(Continua).

Companhia Hanseatica
 Bebam as cervejas
**Polar,
 Cascatinha,
 Iracema e Sumaré**

Fabricadas com agua da Tijuca, captada na
 propria nascente

BEBAM

CAXAMBÚ

A soberana
 das
Aguas de Meza

CASA TIM-TIM POR TIM-TIM

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
 * SEMPRE NA PONTA *
 XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

ESPECIALIDADE EM PETISQUEIRAS A' PORTUGUEZA
 E "COM ELLAS E SEM ELLAS" - ABERTO ATE' 1 HORA DA NOITE

Rua do Lavradio n. 41 - Telephone 3229
 RIO DE JANEIRO

DURAN & BARBOSA

RIO DÃO

O vinho de meza
 preferido

IMPORTADORES
J. Ferreira & C.

**CERVEJA PARK BIER - ESTOMACAL E
 NUTRITIVA**

PRAÇA TIHADENTES, 27

BEBAM

SALUTARIS

A Rainha das
Aguas de Meza

"Casa Rist"

Deposito excludivo de productos
 nacionaes

**VINHOS E
 CONSERVAS**

Rua 7 de Setembro n. 77



Telephone 455 Central

CENTRO COSMOPOLITA Séde: RUADO SENADO 215--217
 (TELEPHONE 1499 CENTRAL)

Esta sociedade, fundada em 31 de Julho de 1903, incumbe-se de fornecer ás exmas. familias, confeitarias, hoteis, restaurantes
 clubs, bars e demais casas deste ramo, pessoal competente
 para banquetes, casamentos, pic-nics, etc. etc., não só na capital como no interior, responsabilizando-se pelo mesmo

Aluga o seu vasto salão para festivaes, conferencias e outros actos de reconhecida moralidade

Attende a chamados todos os dias uteis das 7 ás 22 horas e aos domingos até ao meio dia

Solidarios com os companheiros da Associação de Rezistencia dos Cocheiros, Carroceiros e Classes Aneccas, na
 luta em que se empenham contra a Companhia Brahma, rezolvemos romper com esta Companhia as nossas relações, sus-
 pendendo o seu anuncio.

Se continuassemos a publicar semelhante anuncio, diante do ato da Companhia Brahma, que acaba de lançar á rua uma
 centena de trabalhadores, por terem sabido defender dignamente os seus direitos, seria da nossa parte um triste exemplo de
 deslealdade e traição á cauza proletaria. Os empregados de hoteis, restaurantes, cafés, bars, etc. não podem e não devem
 conservar-se indiferentes ao jesto de brutal autoritarismo com que a Brahma recebeu a justa reclamação dos seus empregados
 Todos nós estamos ligados a esses companheiros pelos laços a mais estreita afinidade e sentimentos e de interesses porque
 como eles, vivemos sob o jugo capitalista, ao passo que nenhum laço nos pode unir á poderosa Brahma, propriedade de arjentarios
 ociozos que nada porduziu em beneficio da humanidade, uzufuem uma vida de gozos. Portanto, em reprezalia á Brahma, não
 vendamos os seus produtos!

